

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

ANA MAURA RODRIGUES SILVA

**METODOLOGIAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA NO NÍVEL MÉDIO: A
EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

ARAGUAÍNA
2015

ANA MAURA RODRIGUES SILVA

**METODOLOGIAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA NO NÍVEL MÉDIO: A
EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao curso de Licenciatura Plena de
Geografia da Universidade Federal do Tocantins,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Elias da Silva

Araguaína

2015

ANA MAURA RODRIGUES SILVA

**METODOLOGIAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA NO NÍVEL MÉDIO: A
EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura Plena de Geografia da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Elias da Silva

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Elias da Silva (Orientador)

Prof. Dr^a. Jacira Garcia Gaspar

Prof. Dr^a. Kênia Gonçalves Costa

A minha amada filha Maria Gabriely que é a
motivação maior para minhas novas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por me permitir cursar este curso superior em uma Universidade Federal, um sonho meu e de minha família, mas em especial o meu querido pai Antonio Francisco, que antes mesmo que eu fosse aprovada, já desejava e profetizava que eu trilharia um lindo caminho no campo de licenciaturas.

A minha mãe Maria Rodrigues e minha irmã Ana Marcia Rodrigues, ambas me deram todo incentivo para não desistir no decorrer do curso e assim superar os desafios que surgiram e a todos os amigos que contribuíram para esta conclusão.

Agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Elias da Silva, que teve um papel muito importante nessa conquista, sendo meu guia em direção ao sucesso, me mostrando que o papel do educador não é apenas uma profissão, mas antes de tudo é vocação e superação. Às Prof. Dr^a Jacira Gaspar Garcia e a Prof. Dr^a Kênia Gonçalves Costa, por aceitarem participar da banca avaliadora, me proporcionando grande satisfação e orgulho em tê-las presente.

Agradecer a Eudarcia Barros que no decorrer do curso passou de colega para uma grande amiga que guardo no coração, por ser meu “farol” às vezes que me senti perdida, sempre me auxiliando nas escolhas e decisões da minha vida acadêmica.

E especialmente a minha amada filha Maria Gabriely que mesmo tão pequenina soube compreender meus momentos de ausência, dividir o meu colo com os livros, sonhar junto comigo com dias melhores após a conclusão do curso, enfim por ser a melhor dádiva de Deus para mim, sempre companheira me oferecendo seu colinho nos dias de muito cansaço e suas meigas e singelas palavras de carinho e muito amor, me dando conforto quando eu mais precisava.

RESUMO

Este trabalho apresenta as modificações no campo de ensino da Geografia, demonstrando as inúmeras metodologias e os recursos didáticos. Tem como objetivo mostrar a importância das metodologias no processo de ensino-aprendizagem e as experiências vivenciadas a partir da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Médio, Campus Araguaína, onde o estágio ocorreu no Colégio Estadual Rui Barbosa. Utilizamos como metodologia o levantamento bibliográfico e entrevistas com educandos do nível médio de ensino do respectivo Colégio a fim de obtermos suas considerações com relação às metodologias aplicadas pelos professores no ensino da geografia. Esta pesquisa possibilitou aprofundar os conhecimentos sobre as diferentes formas de ensinar e com os resultados obtidos por meio das entrevistas saber a opinião dos educandos no que diz respeito ao uso e influências na aprendizagem. Como conclusão notamos que todas as metodologias utilizadas são bem aceitas pelos alunos e cabe ao professor ponderá-las e inová-las para facilitar a aprendizagem.

Palavras-chave: Metodologias. Ensino de Geografia. Estágio Supervisionado.

ABSTRACT

This paper presents the changes in the geography teaching field, demonstrating the numerous methodologies and teaching resources. It aims to show the importance of methodologies in the teaching-learning process and the life experiences from the discipline Supervised Training in High School Campus Araguaína, where the stage was in the State College Rui Barbosa. We used as methodology the literature and interviews with students in the average level of their college education in order to obtain their considerations regarding the methodologies used by teachers in the teaching of geography. This research made it possible to deepen the knowledge about the different ways of teaching and the results obtained through the interviews to know the voice of the learners with regard to the use and influence on learning. In conclusion we note that all methodologies used are well accepted by the students and the teacher should ponder them and innovates them to facilitate learning.

Keywords:Methodologies. Geography Teaching.Supervised internship.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Croqui 01	- Localização de Araguaína no Estado do Tocantins	20
Mapa 01	- Localização da área de pesquisa – Colégio Estadual Rui Barbosa	21
Fotografia 01	- Biblioteca antiga do Colégio	23
Fotografia 02	- Biblioteca atual do Colégio	23
Fotografia 03	- Sala de aula antiga do Colégio	24
Fotografia 04	- Sala de aula atual do Colégio	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 CONTEXTUALIANDO A GEOGRAFIA COMO CIENCIA E DISCIPLINA ESCOLAR	11
2.1 As metodologias utilizadas no ensino de Geografia	13
2.2 Um olhar sobre os recursos didáticos	17
3 LOCALIZAÇÃO DA AREA DE PESQUISA NO CONTEXTO DA CIDADE DE ARAGUAÍNA	20
3.1 Estrutura do Colégio Estadual Rui Barbosa	22
4 AS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO	26
4.1 As metodologias de ensino de Geografia: ponto de vista dos alunos	28
4.2 Sala de aula: local de ensino/aprendizagem dos alunos e professor	29
4.3 A interação entre professor/aluno e seus reflexos no processo de ensino aprendizagem	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho fundamentou-se desde o início a partir das observações nas metodologias de ensino no curso de Geografia, da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, em que o mesmo tem o papel fundamental na formação de docentes. Neste caso nossas observações e análises desenvolveram-se a partir do contato entre o acadêmico e a escola que é proporcionado através da disciplina de Estágio Supervisionado.

Assim nosso trabalho relata sobre as experiências do estágio com o universo escolar, que se deu através da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Médio, mostrando metodologias que o professor de Geografia pode trabalhar neste nível de ensino, quais as principais dificuldades em sala de aula e as carências no processo de ensino-aprendizagem no que se refere às metodologias utilizadas.

Relacionamos as diversas maneiras de ensinar, a escolha pelo o tipo de abordagem que é definida pelo professor e cabe a ele encontrar uma metodologia que atenda às dificuldades dos alunos em particular, por meio de diversas metodologias, uma vez que não temos a pretensão, em nenhum momento, de montarmos um manual de bons exemplos de metodologias para serem seguidas mesmo porque acreditamos que o processo de ensinar é conquistado ensinando no dia a dia da sala de aula.

Nosso objetivo com este trabalho é mostrar a importância das metodologias já que são elas um dos fatores que contribuem para o processo ensino-aprendizagem facilitando a compreensão dos alunos em relação à Geografia, podemos dizer que nesse processo de ensino são as metodologias que devem ser inovadas e serem capazes de atrair a atenção dos alunos para os conteúdos que estão sendo ministrados pelo professor.

A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual Rui Barbosa, onde foram realizadas as atividades do Estágio Supervisionado no Ensino Médio, em que foi possível notar quais as dificuldades dos alunos em assimilar os conteúdos geográficos e a partir de entrevistas obtivemos a opinião e experiências vivenciadas por eles, conhecendo as principais metodologias utilizadas no ensino de geografia.

Para compreendermos melhor sobre a importância das metodologias em sala de aula, este trabalho dividiu-se em duas etapas, em que na primeira etapa foi realizada a pesquisa bibliográfica em livros, dissertações, artigos, dentre outras fontes para fundamentarmos nossas discussões acerca do tema. Desta forma contextualizamos os processos de evolução do ensino da Geografia nas escolas fazendo abordagens de como se deu a inserção desta disciplina na grade curricular.

Na segunda etapa procedemos com a parte prática em que foram realizadas entrevistas com os educandos do Ensino Médio da 1ª e 2ª séries, desta maneira foi possível fazermos o levantamento das metodologias que são utilizadas como também verificarmos segundo os alunos as que contribuem positivamente para a aprendizagem.

Desta maneira percebemos que as metodologias de ensino da geografia são de fundamental importância e devem a todo o momento serem vistas, revistas e aperfeiçoadas para desenvolver um ensino de qualidade no qual contribua para a formação dos indivíduos.

Assim o trabalho ficou distribuído em 03 (três) capítulos em que o primeiro faz uma contextualização da Geografia e as principais transformações ocorridas no decorrer do tempo aos dias atuais e como ocorreu sua inclusão no universo escolar. Abordamos as principais metodologias de ensino apontadas por diversos autores em que defendem o uso de diferentes metodologias para melhorar o ensino e falamos a respeito dos recursos didáticos, que devem ser vistos como uma ferramenta que auxilia o professor na aplicação das metodologias.

No segundo capítulo apresentamos nossa área de pesquisa que foi o Colégio Estadual Rui Barbosa, sua localização juntamente com um breve histórico desde a sua fundação e as mudanças que ocorreram tanto em seu aspecto físico estrutural como na estrutura pedagógica.

O terceiro capítulo relata as experiências do estágio em sala de aula, o contato com os alunos e as dificuldades observadas ao ministrarmos as aulas, relatando todos os momentos vivenciados nessa fase, em que abordamos sobre as metodologias utilizadas e principalmente compreendermos o papel de professor que não transmite somente conhecimento, mas também valores para a vida dos alunos.

Verificamos através de entrevistas com os alunos as metodologias mais utilizadas pelos professores, constatando as mais influentes e as que menos influenciam no aprendizado de Geografia. Destacamos a respeito da sala de aula, um local de idéias conflitantes que não apenas os alunos aprendem como também o professor, pois este é um espaço de conhecimentos que são compartilhados com todos os indivíduos. Falamos ainda a respeito da relação professor-aluno e como essa interação contribui no processo de ensino-aprendizagem dos educandos.

2. CONTEXTUALIZANDO A GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA E DISCIPLINA ESCOLAR

Sabemos que a Geografia passou por constantes transformações com relação às suas áreas de pesquisa e ensino ao longo da história, em primeiro momento a Geografia era vista como modo de conquista e utilizada para exercer poder sobre o território como diz Lacoste (1988) que:

Pois, a geografia serve, em princípio, para fazer a guerra. Para toda ciência, para todo saber deve ser colocada a questão das premissas epistemológicas; o processo científico está ligado à uma história e deve ser encarado, de um lado, nas suas relações com as ideologias, de outro, como prática ou como poder. (LACOSTE, 1988, p.22)

Com o passar do tempo a Geografia foi conquistando seu lugar no campo social, passou da ciência que estuda as transformações do planeta para explicar as relações já existentes e as novas relações sociais que surgiam para isso era preciso compreender os processos vigentes que se faziam na sociedade. Assim, Cavalcanti (1998), enfatiza que as mudanças nas últimas décadas foram marcadas por intensos debates no pensamento filosófico e científico e em decorrência de transformações também intensas, no mundo e na organização das sociedades que devido a essas transformações diversas áreas científicas, especialmente as ciências humanas, foram submetidas a reflexões e análises para compreender os processos de mudanças e seus desdobramentos.

Á medida em que as relações sociais passam por modificações em suas estruturas e formam-se novos arranjos, da mesma maneira as ciências que as explicam tendem a se modificarem para conseguir explicar as razões desses acontecimentos.

E Cavalcanti (1998), diz que:

A Geografia, como ciência social, está diretamente implicada nessas transformações. Já no início dos anos 90, o discurso que ficou conhecido com o rótulo de geografia crítica, que postulava uma ciência geográfica de cunho marxista, começou a ser abalado. Tanto quanto em outras áreas do pensamento científico no mundo, cresceram os questionamentos ao chamado socialismo real, abrindo brechas na aparente solidez do marxismo. Surgiram outros enfoques de explicação e interpretação da realidade. (CAVALCANTI, 1998, p.15)

Essas mudanças que ocorreram no campo social foram também necessárias no ensino da Geografia como disciplina escolar. Desta forma a incorporação da Geografia no currículo escolar Vlach, (1900 apud CAVALCANTI, 1998 p.18) descreve que:

Foi, indiscutivelmente, sua presença significativa nas escolas primárias e secundárias da Europa do século XIX que a institucionalizou como ciência, dando o caráter nacionalista de sua proposta pedagógica, em franca sintonia com interesses políticos e econômicos dos vários Estados-nações. Em seu interior, havia premência de se situar cada cidadão como patriota e o ensino de Geografia contribuiu decisivamente neste sentido, privilegiando a descrição do seu quadro natural.

A inclusão da Geografia no currículo escolar foi fundamental para disseminar o conhecimento sobre os campos que ela atua dessa maneira o ensino da disciplina passou por reformulações que Cavalcanti (1998) diz:

O movimento do ensino de Geografia, dentro do movimento mais amplo de renovação, teve como interlocutoras as “geografias” vigentes no momento, ou seja, a Geografia Tradicional e a Geografia Quantitativa. Fazendo a crítica dessas correntes da Geografia e de suas implicações no ensino, surgiram propostas de incorporar as reflexões da concepção dialética no ensino, o que possibilitou a emergência da chamada Geografia Crítica (ou Geografias Críticas, já que são muitas as propostas). (...) as propostas de reformulação do ensino de Geografia também tem em comum o fato de explicitarem as possibilidades da Geografia e da prática de ensino de cumprirem papéis politicamente voltados aos interesses das classes populares. Dessa perspectiva, os estudiosos alertam para a necessidade de se considerarem o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico. (CAVALCANTI, 1998, p.19-20)

Ao incluir a Geografia no universo escolar, muitos debates surgem sobre o seu papel, seus objetivos e as problemáticas em torno do seu ensino o que para Cavalcanti (1998), as reformulações da ciência geográfica levaram então, a alterações significativas no campo do ensino de Geografia. Vesentini (1995) defende que a geografia escolar naturaliza o social-histórico: esse talvez seja desde seus primórdios o seu cerne, a sua função ideológica essencial, mas Oliveira (2002), explica que o ensino/aprendizagem da geografia deveria ser planejado no todo, compreendendo os diferentes níveis de ensino, atendendo às diferenças, aos interesses e às necessidades das diversas clientela, considerando o desenvolvimento intelectual e visando a formação de uma cidadania responsável, consciente e atuante.

Através dos diversos debates sobre a Geografia em sala de aula podemos observar que o seu papel leva a transformação dos sujeitos antes alienados para uma consciência crítica capaz de analisar e perceber as transformações ao seu redor, obtendo assim uma posição lógica com argumentos decisivos sobre as novas estruturas que a sociedade tende a formar e como essas são percebidas no cotidiano.

Desta maneira destacamos o papel da escola, do professor e as novas técnicas que dão suporte a essa nova realidade e Mizukami, (2002) aborda que:

A situação da instituição escolar se torna mais complexa, ampliando essa complexidade para a esfera da profissão docente, que já não pode mais ser vista como reduzida ao domínio dos conteúdos das disciplinas e a técnica para transmiti-los. Agora exige-se do professor que lide com um conhecimento em construção e não mais imutável e que analise a educação como um compromisso político carregado de valores éticos e morais, que considere o desenvolvimento da pessoa e a colaboração entre iguais e que seja capaz de conviver com a mudança e a incerteza. (MIZUKAMI, 2002, p.12)

Na abordagem de Mizukami fica claro que o papel do professor não deve ser voltado apenas para transmitir conteúdos e sim ter o compromisso de desenvolver nos alunos a capacidade de analisar, criticar e compreender as mudanças que ocorrem ao seu redor, para isso a revisão das metodologias que o professor utiliza devem passar por constantes aprimoramentos e análise de resultados, já que são elas que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem.

2.1 As metodologias utilizadas no ensino de Geografia

Percebemos que as metodologias são de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem e merecem destaque, pois somente o ato de ensinar não significa que os alunos aprenderam os conteúdos ministrados, portanto essa relação entre o ensinar e aprender serão discutidas e analisadas através das metodologias que o professor utiliza (ou não) nas salas de aulas, e para Passini e Malysz (2007, pg.13).

A aula é como um jogo em que os participantes vão trabalhar para atingir uma meta: a aprendizagem significativa, que tanto professores como alunos devem almejar. O professor como líder, precisa fazer um jogo de sedução e convencimento para que todos se sintam envolvidos e suficientemente comprometidos com o alvo a ser alcançado.

A aprendizagem do aluno sempre será o objetivo principal do professor, que caberá a ele dispor das melhores metodologias, para que os educandos consigam desempenhar com sucesso as atividades e assimilar os conteúdos de maneira precisa e bem elaborada através de boas práticas metodológicas, pois é preciso que o professor trabalhe voltado para construção de conhecimentos e faça uso dos recursos didáticos, porque para o professor de geografia é pertinente utilizar de suporte técnico como os mapas para desenvolver uma aula associando teoria, forma e o conhecimento empírico dos alunos.

Sabemos que “a aula é um momento muito rico de significados; toda aula de todos os graus de ensino é um acontecimento social e cultural com diferentes sujeitos que reconstruem

coletivamente um novo saber”. (PASSINI E MALYSZ 2007, p.37) os professores, devem associar os conhecimentos que os alunos possuem para que a aula flua positivamente e os alunos se sintam parte dela, participando ativamente e contribuindo com seus conhecimentos, mesmo por que:

Uma aula produtiva não se mede pela quantidade de questões ou das páginas preenchidas do caderno. Uma aula produtiva é aquela em que o aluno trabalha além do tempo e do espaço da aula, porque foi desafiado a buscar soluções para problemas verdadeiros e levar dúvidas para além dos muros da escola. (AQUINO JUNIOR, 2007, p.79)

Sendo assim, é recomendável que o professor faça uso dos conhecimentos trazido pelos alunos, pois mesmo os saberes empíricos que eles possuem são contribuições riquíssimas para uma boa aula.

Vale ressaltar que não tem uma receita pronta, um modo de fazer uma boa aula, sabe-se apenas que umas das maneiras positivas e reconhecidas por muitos autores é o método utilizado para ensinar, que para Vieira e Sá (2007, p. 101) “o método diz respeito à “forma” como se pretende trabalhar um “conteúdo” para atingir um objetivo. O método inclui a escolha de recursos didáticos e dinâmica da aula”.

É a partir dos métodos que o professor utiliza que estarão refletidas na aprendizagem dos alunos, sendo assim temos exemplos de boas metodologias que podem ser aplicadas nas salas de aulas para que auxiliem no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, como:

A música pode ser um complemento auxiliar das atividades desenvolvidas para a interação com alunos nos trabalhos de ensinar e aprender Geografia. O professor não precisa conhecer nem compartilhar as preferências dos gêneros musicais de seus alunos, mas pode propor que eles façam um levantamento das músicas que tratem do tema em estudo. (VIEIRA E SÁ, 2007, p.107)

A música é um excelente método, pois através dela os alunos conseguem associar o conteúdo e compreender de maneira simplificada a realidade na qual ele está inserido, além de ajudar na interação entre os mesmos, pois a música é capaz de atender a todos os gêneros e sempre haverá muitos alunos que se identificam com essa metodologia, segundo o autor para introduzirmos sobre o estudo da população podemos utilizar a música “Três raças” de Clara Nunes, a receptividade é quase sempre muito boa promovendo a concentração.

A formação de grupos de trabalho é uma excelente maneira para trabalhar com os alunos e desenvolver a aprendizagem, pois:

O conhecimento trazido por cada um dos participantes se transforma em outro conhecimento quando há troca de opiniões, exposição de idéias conflitantes e formulações críticas. Essa é uma função valiosa do grupo de trabalho no espaço escolar para a construção social do conhecimento. (VIEIRA E SÁ, 2007, p.112 e 113)

Há também outro método muito proveitoso, que assim como o grupo de estudo ajuda na aprendizagem e melhora a motivação dos alunos, mas que, no entanto é pouco utilizado, é o jornal falado em que:

Os alunos participam com entusiasmo na elaboração do jornal falado. Cada grupo pode preparar um pôster de fotos e síntese do estudo realizado. A hora da exposição é normalmente preparada com responsabilidade, e a mudança de ouvinte para expositor pode melhorar a motivação. (VIEIRA E SÁ, 2007, p. 114)

Assim como o jornal falado a dramatização contribui para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, por que:

A dramatização é uma pratica educativa que exige do aluno a representação de um fato em estudo. A necessidade de expressar as ações – quer da sociedade quer da natureza – obriga o aluno a entender em profundidade o conceito, o acontecimento ou valores em construção. A mudança no foco do estudo motiva o aluno a desempenhar com êxito seu papel. (VIEIRA E SÁ, 2007, p. 114)

Como exemplo de dramatização Vieira e Sá (2007) exemplifica que uma professora do ensino fundamental relatou que adaptou o conto *Chapeuzinho Vermelho* para o estudo do ambiente. A menina de chapéu vermelho ia pelo caminho na floresta apontando mudanças na paisagem que ela percebia em relação ao tempo em que ela visitara a avó. Os alunos deveriam fazer a lista das mudanças possíveis que a personagem encontraria e inventar um diálogo em que o lobo e a avó discutissem as mudanças, utilizando para isso o diagnóstico do equilíbrio ambiental.

O professor precisa estimular os sentidos dos alunos, para que eles consigam encontrar as melhores maneiras de compreender os diversos conteúdos ministrados, desta forma podem ser utilizados os desenhos, para ensinar sobre o Meio Ambiente já que:

O sentido forte desta prática educativa é o de possibilitar que o professor encontre maneiras interessantes de alcançar a aproximação das idéias, imagens e conceitos que já permeiam os alunos em seus pensamentos acerca de algum assunto, neste caso, de interesse geográfico. (OLIVEIRA JUNIOR, 2011, p.14)

Como podemos perceber através dos desenhos é possível identificarmos os conhecimentos já existentes dos alunos, o ato de desenhar torna-se mais eficaz do que a

cobrança através de texto escrito ou apenas falar sobre o assunto, e ao desenhar os alunos dão início à noção de espacialidade como aproximação ou distanciamento.

No que se refere ao desenvolvimento dos aspectos lúdicos e lógicos, para Finatti e Ferraz (2011) os jogos de modo geral é uma excelente metodologia, mas pelo seu rigor e objetividade, é que se destaca o jogo de xadrez:

Devido a forte conotação racionalizável dos aspectos dedutivos dos movimentos das peças num território delimitado, qual seja o tabuleiro quadriculado. Esse contexto geométrico é o palco em que a lógica na precisão dos movimentos, a partir da função e capacidade de deslocamento de cada peça, se manifesta amalgada com uma série de elementos (táticas, estratégias, blefes, induções e até o aleatório da sorte) para se efetivar o poder no controle definitivo daquele território. (FINATTI E FERRAZ, 2011, p.62)

O jogo de xadrez possibilita que os elementos geográficos possam ser analisados e compreendidos, de modo particular e associados aos demais elementos tal como se faz a Geografia em si, pois:

Ao identificarmos e interpretarmos os fatores relacionados a diferentes problemáticas que envolvem os elementos de uma leitura geográfica a partir do jogo de xadrez, ou seja, o uso de noções e conceitos importantes como o espaço, o tempo, a região, a orientação, a localização e a escala – possíveis de serem interpretados a partir deste jogo – podemos perceber que o olhar geográfico sobre o mesmo viabiliza uma linguagem que não se reduz ao jogo em si, mas aponta para uma análise mais diversa e desafiante de nossa sociedade cujas alterações estruturais se consubstanciaram nas diferentes maneiras de se praticar o jogo. (FINATTI E FERRAZ, 2011, p.64)

Através do jogo de xadrez o professor é capaz de ensinar todas as categorias geográficas de forma mais simples, instigando os alunos a refletir e conhecer melhor sobre a geografia e a sua importância para a sociedade.

No entanto ao contrário do que acontece com as metodologias citadas acima serem pouco utilizadas tem as que são muito utilizadas e citadas pelos alunos, é a chamada preleção ou a aula expositiva “a preleção ocorre toda vez que o professor está falando e os alunos estão ouvindo” (LOWMAN, 1944 p.133) e ao modo de ver dos alunos em sua maioria é apenas o professor quem mais fala e os alunos ouvem isso faz com que a aula se torne um monólogo e a participação dos alunos pouquíssima, mas vale ressaltar que existem várias formas de preleção e algumas delas são importantíssimas para o professor avaliar o grau de aprendizagem da turma e conhecer as dificuldades que eles possuem sobre determinados assuntos.

Diante dos variados conteúdos geográficos é possível utilizar as crônicas como uma metodologia de ensino, para auxiliar o professor a ministrar uma aula criativa e proveitosa despertando nos alunos uma reflexão, mais ampla nos textos abordados em sala de aula. Baseado em Sousa Neto (2008) diz que:

As crônicas, nesse caso, é uma espécie de convite para a iniciação, mas também são textos para uma reflexão sobre temas dos quais buscam tratar. E os temas podem ser os mais distintos, amplos, diversos. E não só. Os caminhos para tratar de uma temática, são também múltiplos, garantindo que a criatividade seja um dos elementos essenciais da produção e reprodução de crônicas. (SOUSA NETO, 2008, p.36)

Essas metodologias estão ao alcance do professor para que ele usufrua das melhores maneiras de ensinar, facilitando a aprendizagem dos alunos e transformando as aulas de Geografia para que as mesmas deixem de ser vistas como “decoreba” e enfadonha aos olhos dos alunos, pois quem faz a aula fluir e receber a denominação de “boa” ou “ruim” não é a disciplina em si, mas as formas como ela é ensinada.

2. 2 Um olhar sobre os recursos didáticos

As maneiras de “como” e “quais” recursos devem ser utilizados em sala de aula são inúmeras, mas o fator importante na relação professor-aluno-aprendizagem, são as metodologias que o professor usa para chamar atenção dos alunos e a paixão como ele expõe os conteúdos.

As relações entre a metodologia e os recursos didáticos são inseparáveis ao ponto que uma necessita da outra para atingir um melhor desempenho no ensino, sabemos que somente os recursos sem uma boa metodologia não garante uma aprendizagem eficaz e nesse sentido as escolhas dos recursos devem está associada às metodologias que serão utilizados e aos objetivos propostos.

Em nossa análise podemos listar os principais recursos didáticos que todos os professores têm acesso, onde em primeiro lugar estão os quadros-negros um dos itens presentes nas salas de aula e que o professor não só deve, mas tem por obrigação de saber usá-lo de forma que atraia a atenção dos alunos para ele, pois:

Qualquer que seja a cor, verde, bege ou branco, os quadros-negros são uma característica universal das salas de aula e todos esperam que eles estejam lá. Muitos professores não gostam e até evitam usá-los, pois eles mancham as mãos e a roupa,

mas seu valor educacional é substancial, mesmo em nossa era eletrônica. (LOWMAM, 1944, p.148)

É pratica comum dentre os professores a utilização do quadro-negro, pois ele, mesmo nessa geração digital não perdeu seu papel nas salas de aulas e continua a ser o recurso visual mais utilizado há séculos e Bumsted (1941 apud LOWMAM, 1944 p. 148) escreveu que “o inventor ou introdutor do quadro-negro merece ser classificado entre aqueles que mais contribuíram para o ensino e a ciência, se não os melhores benfeitores da humanidade”. Daí percebemos o quanto é essencial a presença e a utilização dos quadros-negros para o ensino.

O professor, em particular de Geografia, conta com aliados que sendo bem utilizados somam positivamente no processo de ensino-aprendizagem, são eles o vídeo e a informática, em que:

O vídeo é um recurso importante para fixa rmelhor o conhecimento durante a aprendizagem dos alunos. As imagens ou cenas apresentadas através do vídeo são importantes, principalmente para visualização da paisagem tanto rural como urbana. É importante que, alem de permitir essa visualização, o professor coloque questão para que os alunos passem da simples observação dos elementos da paisagem a sua leitura analítica. (VIEIRA E SÁ, 2007 p.104)

Já a informática, hoje acessível para todos ou a grande maioria dos alunos e professores é um excelente recurso e, portanto, é:

Um instrumento de grande utilidade, por integrar outros recursos, como jogos, textos, fotografias, filmes, desenhos, etc. O computador, no ensino-aprendizagem, auxilia os professores em suas aulas e serve como complemento na busca de dados para a construção de conhecimento. (VIEIRA E SÁ, 2007 p.105)

Podemos mencionar os jogos como outro recurso que o professor pode utilizar para auxiliar no ensino, no entanto:

Os jogos constituem um recurso pouco aplicado nas salas de aula, mas de elevado valor, por criar certa expectativa, ansiedade e entusiasmo nos alunos. O jogo em si é lúdico, desafiador e aceito por todas as idades, tanto dentro como fora da sala de aula. Para os alunos é algo que surpreende, pois o jogo surge como um desafio a suas habilidades e conhecimentos, e para isso procuram conhecer as regras e estudar as estratégias para vencer. Ele traz para os participantes uma integração alternativa, melhor interação social e responsabilidade tanto individual como coletiva. Ele ajuda as pessoas a desenvolver uma melhor coordenação motora, ativa o raciocínio lógico e melhora a habilidade nas tomadas de decisão. A derrota é vista como um desafio para a auto-superação e a procura do aperfeiçoamento de habilidades estratégicas. (VIEIRA E SÁ, 2007 p. 103)

O professor de Geografia não pode deixar de utilizar sempre e em todos os momentos os constantes e perpétuos companheiros de trabalho que são os mapas, percebe-se que ainda existe uma forte deficiência dos alunos em utilizar tal ferramenta, essencial não somente na sala de aula como no cotidiano e essa carência em analisar os mapas talvez se deva ao fato de mesmo os professores de Geografia estão deixando aos poucos de relacionar os mapas nas aulas com o cotidiano dos alunos, já que:

Como professores de Geografia, precisamos insistir nesses recursos e orientar sua aquisição pela escola, para que todas as salas de aula tenham o planisfério, o mapa do Brasil físico e político e um mapa da localidade. É desejável que todas as salas da escola também tenham um globo, para que sempre o aluno possa localizar os fenômenos em estudo no mapa e no globo, possibilitando-se assim a educação cartográfica. (VIEIRA E SÁ, 2007 p.111)

Para que os alunos consigam alcançar essa educação geográfica, as atitudes devem partir em primeiro lugar do professor com aulas que aproximem os alunos dos mapas, despertando o interesse dos mesmos para o saber geográfico, e que eles possam interpretar e compreender o espaço em que vivem e até que ponto suas atitudes modificam o ambiente.

Neste sentido vale lembrar que:

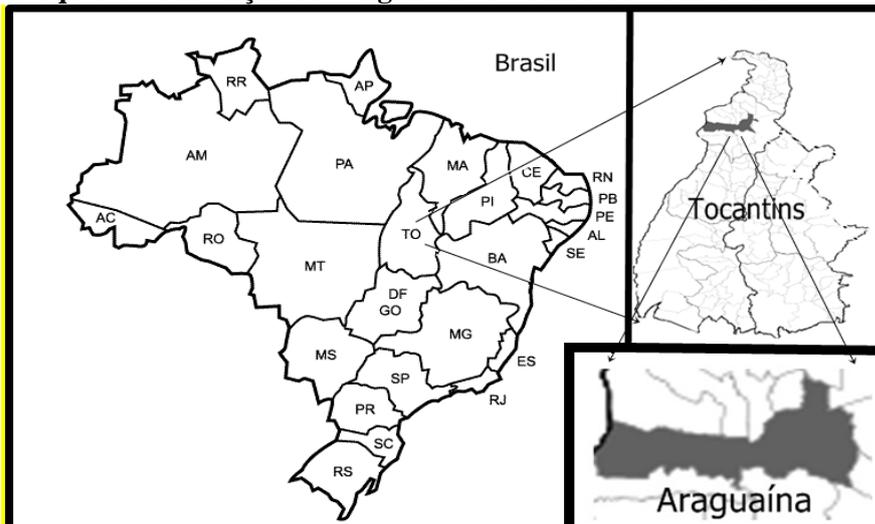
É importante que o professor saiba fazer escolha entre os recursos disponíveis, seja flexível nas exigências, interaja com os alunos e promova ações para motivar os alunos a identificar problemas, investigar suas causas e estudar possíveis soluções. (AQUINO JUNIOR, 2007, p.84 e 85)

Ressaltamos e afirmamos que é necessário o domínio do conteúdo, pois isto se torna mais significativo para a aula do que os recursos diversificados e modernos que o professor possa utilizar Aquino Junior (2007). Portanto, entendemos que nenhum recurso didático seja ele o melhor substituirá os conhecimentos que o professor transmite aos educandos.

3. LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA NO CONTEXTO DA CIDADE DE ARAGUAÍNA

Iniciaremos este capítulo com uma breve localização da cidade de Araguaína e em seguida sobre a nossa área de pesquisa. Araguaína está localizada no norte do estado do Tocantins e faz parte da Mesorregião Ocidental do estado, onde possui área territorial de 4.000,416 quilômetros quadrados. Limitando-se se ao Norte com: Santa Fé do Araguaia, Muricilândia, Carmolândia e Aragominas; ao Sul: Pau D'arco, Arapoema e Nova Olinda; Leste: Wanderlândia e Babaçulândia; Oeste: Estado do Pará. Com as coordenadas geográficas 7°11'28 de latitude Sul, 48°12'26 de Longitude, Oeste com altitude 227 metros em relação ao nível do mar. (IBGE, 2014).

Croqui01. Localização de Araguaína no Estado do Tocantins



Fonte: www.fotosimagens.net, adaptação de Cleydson Ayres Moreira

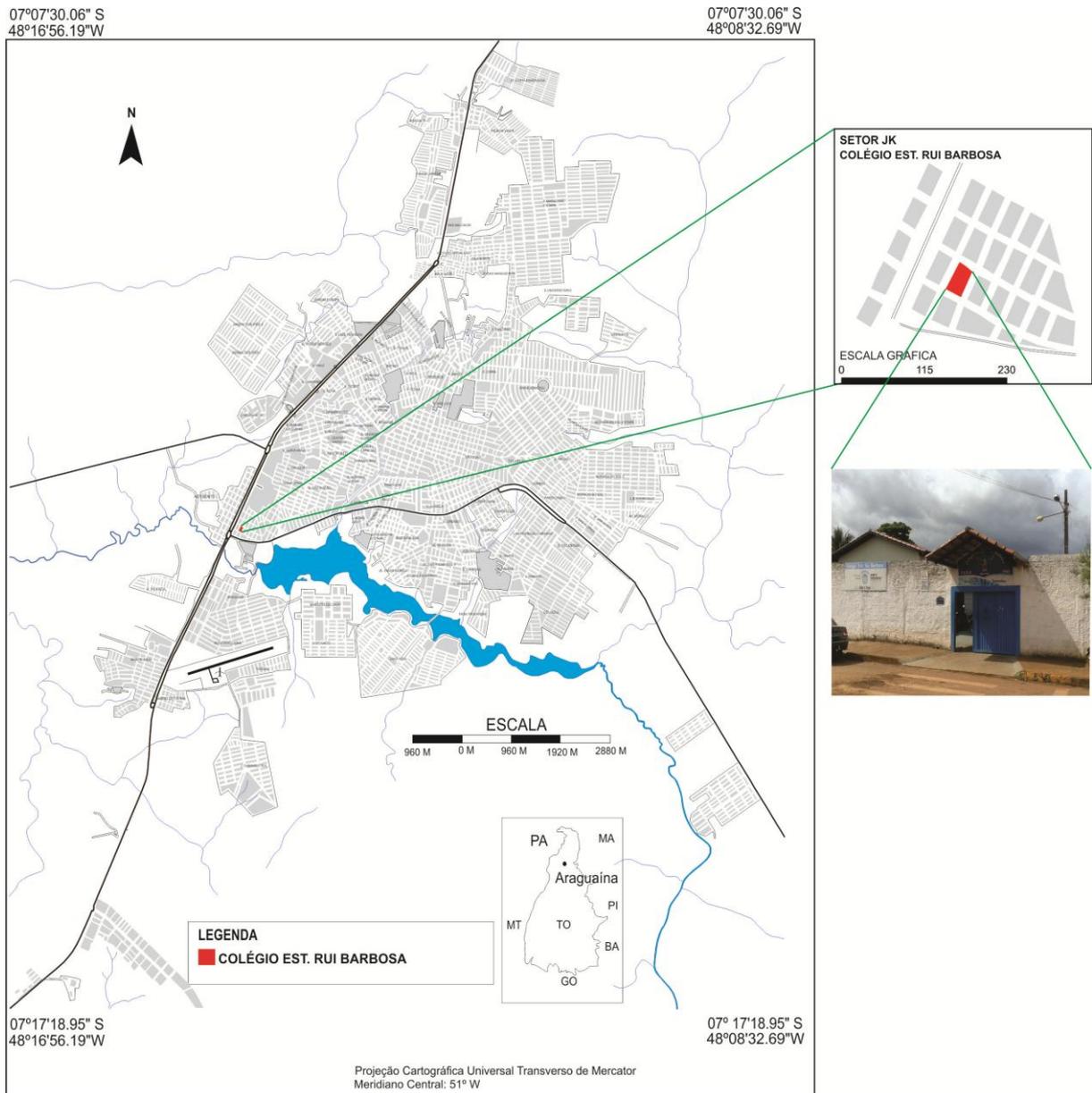
Nossa pesquisa ocorreu no Colégio Estadual Rui Barbosa, situado à Rua Tomaz Batista, 105, no Bairro JK, que foi criado pela lei nº 9.977 de 14 de Janeiro de 1986, na gestão do prefeito municipal Anatólio Dias Carneiro.

A sua criação deve-se ao fato que nesse local havia a sede da empresa Construtora Civil de Estradas George Yunes, localizada à margem direita do Rio Lontra.

Pela influencia da empresa George Yunes, muitas famílias aqui chegaram em busca de emprego e melhoria de vida fazendo com que surgisse um aglomerado de casas que com o passar do tempo recebeu o nome de Bairro JK, em homenagem ao então presidente da República Juscelino Kubistchek de Oliveira. (P.P.P. 2015).

Para melhor compreendermos a área de pesquisa segue o mapa 01 (um) com dados geográficos e a localização da mesma.

Mapa 01: Localização da área de pesquisa-Colégio Estadual Rui Barbosa



Fonte: Google Earth (2013). Elaboração: Reges Sodré (2015)

Em decorrência desse aglomerado de famílias no local, estando distante do centro da cidade e já havendo muitas crianças com idade escolar fez-se necessário uma escola e assim criou-se a Escola Reunida JK, de âmbito municipal que funcionava apenas duas pequenas salas, onde eram ministradas aulas para a 1ª e 2ª séries do antigo Ensino Primário. Posteriormente o nome muda para Grupo Escolar de 1º Grau Rui Barbosa e hoje Colégio

Estadual Rui Barbosa. A mudança para Colégio Estadual Rui Barbosa deve-se em função da implantação do Ensino a partir de 1989. A transferência para o Estado por questões de exigências técnicas e legais para o registro dos diplomas da 1ª turma de formandos em 1991. (P.P.P. 2015).

Em entrevista concedida pelo o ex-diretor da escola o Sr Raimundo Campos de Sousa, que atuou num período total de 20 anos e esteve presente na implantação e transformações ocorridas no Colégio, nos relatou que “no período de mudança de nível de ensino do primário para o ginásio, foi esta a terceira escola a possuir o ginásio na cidade, na qual havia ginásio apenas no Colégio Estadual e no Polivalente”.

Segundo ele as vagas oferecidas na Escola eram poucas, sendo necessária uma prova para selecionar os alunos, pois a estrutura era ainda precária e tinham poucos professores, assim muitas pessoas ficavam fora da escola sem acesso à educação, foram muitas as modificações ocorridas tanto em sua estrutura física como em sua estrutura pedagógica.

3.1 Estrutura do Colégio Estadual Rui Barbosa

Conforme mencionamos sobre a precariedade da estrutura física e o pouco numero de professores que havia, estes foram os principais fatores que impulsionaram as reivindicações junto ao poder político e a secretaria da educação para que ocorressem as reformas no prédio do colégio e ampliar as vagas disponíveis no ensino primário e secundário e segundo o Sr Raimundo Sousa “foram muitas tentativas para que fossem atendidos aos pedidos de melhoria para o colégio”. Falando sobre a estrutura do ambiente escolar Legan (2009) diz que:

A importância do espaço físico da escola como um recurso educacional está crescendo. As escolas estão dando maior ênfase ao aprendizado ativo e ao engajamento prático, na mesma medida em que procuram melhorar a qualidade ambiental do espaço escolar. O foco já não é apenas “o que ensinar para os estudantes” e “como eles estão se comportando”. Hoje, a escola é um ponto de partida em que crianças, adultos e até a comunidade interagem e aprendem juntos. (LEGAN, 2009 p.13)

Hoje a estrutura física Colégio, está com 10 (dez) salas de aulas, uma biblioteca com muitos livros de consulta e leitura, conta com uma pequena área de lazer e socialização, sendo que o Colégio tem como objetivo oferecer melhores condições de aprendizado aos alunos e propiciar a toda equipe escolar um ambiente agradável e participativo.

Percebemos tais melhorias no Colégio, principalmente na biblioteca e nas salas de aulas, ambientes que predominam o aprendizado e passaram por transformações, conforme verificamos nas fotografias que seguem.

Fotografia 01: Biblioteca antiga do Colégio



Fonte: Fotografia cedida pelo Colégio Est. Rui Barbosa.

Na fotografia 01 (um) observamos a biblioteca antes de passar por reformas e seu acervo possuía poucos títulos.

Fotografia 02: Biblioteca atual do Colégio.



Fonte: SILVA, Ana Maura Rodrigues, Pesquisa de campo, Março, 2015.

Hoje notamos na fotografia 02 (dois) o aumento significativo de seu acervo onde conta com inúmeros títulos, para consulta e pesquisa e um amplo espaço para leitura.

Já nas salas de aulas percebemos que as transformações foram essenciais para o processo de ensino-aprendizagem, conforme verificamos nas fotografias 03 (três) e 04 (quatro).

Fotografia 03: Sala de aula antiga do Colégio.



Fonte: Fotografia cedida pelo Colégio Est. Rui Barbosa.

Vejamos através da fotografia 04 (quatro) as salas de aula hoje no Colégio, com ambiente agradável que estimula ainda mais os educandos a buscar novos conhecimentos.

Fotografia 04: Sala de aula atual do Colégio.



Fonte: SILVA, Ana Maura Rodrigues, Pesquisa de campo, Março, 2015.

Segundo dados da secretária do Colégio, atualmente as atividades estão divididas no período matutino em que são ministradas aulas para o Ensino Fundamental de 5º ao 9º ano

que contam com 418 (quatrocentos e dezoito) discentes e no vespertino o Ensino Médio com 193 (cento e noventa e três) discentes, os alunos são dos diversos bairros periféricos da região como Nova Araguaína, Setor Oeste, Setor São Miguel, Jardim das Palmeiras, Setor Cruzeiro, Monte Sinai, Vila Azul, NPA e outros assentamentos da zona rural, pois até 2009 o Colégio tinha uma extensão no complexo penal Barra da Grota.

No entanto vale ressaltar que mesmo estando em melhores condições se comparado ao início de sua construção, o colégio ainda necessita de muitas melhorias, pois as salas de aula continuam pequenas para o grande número de alunos, a ventilação dos ambientes é feita por ventiladores o que de certa forma com o barulho atrapalha a concentração dos educandos e interfere no processo de aprendizagem dos mesmos.

Da mesma maneira constatamos que a sala dos professores possui um espaço pequeno, dificultando as elaborações dos planos de aulas e atividades, tais ambientes necessitam de conforto para que tanto alunos como professores possam desenvolver plenamente o ensino e aprendizagem de maneira significativa.

4. AS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO

O Estágio Supervisionado tem uma importância significativa no curso de formação de professores, pois é o momento de encontro do aluno acadêmico com sua área de atuação, de colocar em prática a teoria aprendida e desenvolvida no decorrer do curso, utilizar metodologias no ensino e a partir daí desenvolver seu próprio perfil de professor, pois como Lowmam (1944) defende ao dizer que:

Enquanto muitos teóricos enfatizam a importância de acontecimentos externos às pessoas para o aprendizado, a posição aqui tomada é a de que aprendizagem humana é altamente mediada por acontecimentos internos – pensamentos ou experiências que ocorrem enquanto os estudantes constroem ativamente significados daquilo que vêem e ouvem, em vez de observar passivamente as informações. (LOWMAM, 1944, p. 138)

Para nós os acontecimentos vivenciados no decorrer de cada aula foram novos aprendizados que jamais poderíamos adquirir sem que tivéssemos colocado em prática, pois a realidade da sala de aula é um universo diferente em que devemos estar direcionados ao único objetivo de transmitir aos discentes um ensino que torne o aprendizado significativo, inovar ou aprimorar as metodologias nas aulas, respeitando e compreendendo as particularidades de cada turma como também dos alunos.

As aulas de estágio nos fez compreender que para sermos professores temos que aprender todas as linguagens e os meios de comunicação que os alunos possuem, pois não podemos ministrar aulas numa linguagem muito formal, cheio de normas e palavras difíceis, pois isto dificulta o aprendizado e o diálogo que sempre deve existir entre ambos, mas utilizar uma linguagem simples, que seja clara e direta, já que aprendendo a “língua” dos educandos o professor conseguirá transmitir com sucesso os conteúdos.

Nossas aulas foram nas turmas de 1ª e 2ª séries e em cada uma delas notamos o modo como os alunos se relacionavam com o professor, a interação, a participação e até mesmo o aprendizado da turma estava diretamente ligada às metodologias e ao modo como eram aplicadas nas aulas.

As metodologias que utilizamos foram fundamentais para desenvolver a participação dos alunos nas discussões acerca dos conteúdos, ficou bem claro o que afirmou Passini e Malysz (2007) referenciada no capítulo 01 (um) deste trabalho ao dizer que a aula é como um jogo e que os participantes devem trabalhar para alcançar um único objetivo que é a aprendizagem significativa, isto foi observado logo em nossa primeira aula em que no início

tentávamos repassar o conteúdo, mas infelizmente tivemos grande dificuldade, pois o fato de não conhecermos a linguagem dos alunos não conseguimos atingir a nossa meta, haja vista que apenas nós professores estávamos envolvidos nesse jogo almejando alcançar o conhecimento significativo. Logo este cenário se transformou em aulas divertidas e participativas envolvendo todos, pois enfim nós como professores conseguimos fazer um jogo de sedução e convencimento de forma que toda a classe participava e contribuía com os conhecimentos que eles já possuem em sua bagagem escolar.

Assim a partir do momento que decidimos conhecer nossos alunos e quebrar as barreiras que nos separava deles e a nosso ver era a linguagem utilizada em nosso primeiro contato, foi possível estimulá-los a participarem no decorrer das seguintes aulas e para alcançarmos esse objetivo com sucesso utilizamos como metodologia a formação de grupos de trabalho, dividindo a sala em dois grupos e para o conteúdo trabalhado cada um dos grupos teve como função especificar as características e o que diferenciava um grupo do outro, podemos dizer que esta foi uma excelente prática de ensino, pois ajuda o aluno tímido a expor suas idéias em que os mesmos não foram impostos a falar, mas falaram voluntariamente.

Notamos que o professor deve ter o papel de mediador entre o aluno e o conhecimento, observamos que ao iniciar momentos de discussão com os alunos as aulas fluíam melhor, notamos o quanto é importante o conhecimento que os alunos possuem como escreveu Aquino Junior (2007) citado no capítulo 01 (um) que o conhecimento trazido por cada um dos alunos se transforma em outro conhecimento, mas para isso acontecer é necessário a troca de idéias.

As dificuldades no ensino se fazem presente na sala de aula, em cada turma que ministramos as aulas percebemos as particularidades dos alunos, uma em questão que merece toda a nossa atenção foi a presença de um aluno com deficiência auditiva, mesmo com todo o discurso de inclusão do aluno com deficiência seja ela: mental, física ou psicomotora, na escola a realidade é outra, pois o caso desse aluno surdo não é um fato isolado já que abriu-se uma discussão de como ministrar aula de forma que o mesmo pudesse aprender e sentir-se incluído, notamos o nosso despreparo ao lidar com essa situação, mas o fato é que:

Isto é uma realidade no que diz respeito ao ensino regular, cujas escolas muitas vezes não têm condições nem mesmo de receber alunos ditos “normais”. Por isso, a educação inclusiva é um desafio e desafio ainda maior é criar um posicionamento inclusivo na sociedade como um todo. (SANTOS E NUNES, 2007, p.108)

Notamos que o processo de ensinar é um grande desafio, principalmente no que diz respeito à educação inclusiva, que não depende apenas do professor, mas está diretamente ligada às mudanças que devem ocorrer na escola, na comunidade e em todos os personagens envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

4.1 As metodologias de ensino de Geografia: ponto de vista dos alunos

No desenvolver deste trabalho observamos que as metodologias são um dos aspectos mais significativos no processo ensino-aprendizagem, que muitos autores defendem e a citam como primordiais no ensino, nós como futuros professores entendemos que elas são importantes para ministrarmos aulas interativas e participativas, mas e ao modo de ver dos alunos como elas influenciam na aprendizagem e quais são as mais utilizadas pelos professores no ensino de geografia.

Por meio de dados obtidos em uma pesquisa através de entrevistas com os estudantes de 1ª e 2ª series do ensino médio do Colégio em estudo, foi possível elaborarmos este levantamento que tem como objetivo mostrar as principais metodologias utilizadas e sua importância para os mesmos, que refletem no seu desenvolvimento e aprendizado.

Iniciaremos relatando sobre as metodologias que segundo os educandos são as mais utilizadas que é o professor falando, explicando e por alguns momentos não dá oportunidade aos alunos, isso é uma prática comum entre os professores. Sempre observamos isso nas aulas não apenas do ensino médio, mas em todos os níveis de ensino, os alunos consideram uma boa metodologia, pois de certa forma existem professores que explicam muito bem e facilita a aprendizagem dos conteúdos, de fato esses relatos apenas evidenciam o que escreveu Lowman (1944) referenciado anteriormente ao mencionar sobre a “preleção” situação em que o professor fala e os alunos apenas ouvem.

Como professores não podemos deixar de lado os velhos e bons exercícios e seminários o que para nós é uma excelente ferramenta para avaliar o grau de conhecimento dos alunos, identificar as dificuldades da turma e dos alunos individualmente, no que diz respeito ao seminário além de auxiliar no desenvolvimento da postura ajuda também o aluno tímido e com dificuldade para falar em público a desenvolver e perder o medo de expor suas idéias. A maioria dos alunos nos relatou que esta é uma ótima metodologia, porém há os que discordam dos seminários.

Para o alunado as aulas com o uso do data-show, mapas e filmes são excelentes, pois são metodologias que não estão sempre presentes e isso deixa as aulas mais atraentes, em

especial os filmes, pois eles contextualizam o conteúdo estudado facilitando no entendimento dos conteúdos de difícil aprendizagem.

Uma das metodologias mais citadas e apontadas por muitos educandos foram às aulas de campo, pois a mesma contribui com exatidão a realidade em que eles estão inseridos ao conteúdo estudado, de forma que a geografia se torna mais presente e melhor observada na vida e no cotidiano dos mesmos, como afirma Vasquez (1968) ao escrever que “a teoria pode contribuir para a transformação do mundo, mas para isso tem que sair de si mesmo e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com atos reais, efetivos, tal transformação”.

Fazendo-os sentir parte integrante das constantes transformações ocorridas no meio ambiente em que cada ação traz efeitos positivos ou negativos para o espaço e lugar, ressaltando, porém que é uma metodologia pouco utilizada, pois não depende apenas da vontade do professor ou dos próprios alunos, já que em sua maioria é necessário um transporte disponível e que nem sempre tem a disposição.

Para os alunos todas as metodologias são aceitas, desde que o professor saiba ponderar e utilizá-las, pois neste sentido tivemos relatos que existem professores que ficavam presos apenas ao livro didático, focando nos conteúdos que o livro oferecia, foram poucos os relatos, mas sentimos a necessidade de citá-los, por ser uma contribuição riquíssima para refletirmos sobre qual tipo de professor queremos ser em sala de aula, já que a Geografia é uma disciplina que compartilha de todas as demais disciplinas facilitando a interdisciplinaridade.

4.2 Sala de aula: local de ensino/aprendizagem dos alunos e professor

O processo de formação pelo qual passa o professor é longo, cheio de dúvidas e desafios, mas é necessário viver as experiências nas salas de aula porque não é um diploma que nos capacita professores, mas sim a experiência das aulas como afirma o autor ao escrever que:

É no início da carreira que a estruturação do saber experiencial é mais forte e importante, estando ligada à experiência de trabalho. A experiência inicial vai dando progressivamente aos professores certezas em relação ao contexto de trabalho, ou seja, a escola e a sala de aula. (TARDIF, 2011, p.86)

É no estágio que ocorre a fase inicial da formação de um professor, por possibilitar ao aluno acadêmico a experiência do conviver e viver experiências desafiadoras, o momento do

confronto de idéias e, sobretudo de quais metodologias devem ser aplicadas nas aulas, o momento de colocar em prática a teoria desenvolvida no decorrer do curso. Neste sentido as palavras de Pimenta e Lima (2004) são oportunas.

O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contraposição a teoria. Não é raro ouvir a respeito dos alunos que concluem seus cursos, referências como “teóricos” que a profissão se aprende na “prática”, que certos professores e disciplinas são por demais “teóricos”. Que “na prática a teoria é outra”. (PIMENTA E LIMA, 2004, p.33)

É na prática que o acadêmico expõe seu conhecimento, o momento de aplicar novas metodologias para facilitar a aprendizagem dos alunos e ao mesmo tempo em que ensina ele também aprende, pois a sala de aula é o local de aprendizado do acadêmico; é onde ele demonstra suas habilidades adquiridas ao longo do curso, aprende a ensinar, percebe a importância e a responsabilidade que ele tem através do seu exemplo e seus ensinamentos. Em que irá capacitar cidadãos que sejam ativos em sua prática de cidadania. O papel do professor não é apenas transmitir conhecimentos, mas contribuir nas relações humanas existenciais. É o que diz Pimenta, (2004) que:

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação será a partir da observação, imitação, reprodução e as vezes, reelaboração dos módulos existentes na prática consagrados como bons. (PIMENTA, 2004, p.35)

Através das práticas consagradas como boas é que o acadêmico desenvolve as metodologias que serão aplicadas em sala de aula, a observação e análise é que determinaram a forma como estas serão aplicadas. O mesmo deve observar e na prática construir seu próprio perfil de professor, que ele não apenas reproduza as metodologias observadas, mas seja capaz de inovar e ousar sempre, a partir delas.

4.3 A interação entre professor/aluno e seus reflexos no processo de ensino e aprendizagem

Como sabemos a interação entre professor e aluno é fundamental para obter resultados positivos na aprendizagem e no desenvolvimento das aulas. É como afirma Müller (2002) “a relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo.” Assim como as metodologias, a interação entre

professor e aluno são essenciais, ao ponto de serem indissociáveis, pois o professor pode até desenvolver boas metodologias, mas se a relação com seus alunos não transmitir confiança, certamente as aulas não terão bons resultados.

Cabe ao professor estreitar o relacionamento com seus educandos, o que para Müller (2002) a relação professor-aluno pode se apresentar conflituosa, pois como em todos os modos de relacionamento, o mesmo se baseia no convívio e diferenças entre classes sociais e culturais, pessoas que possuem objetivos e valores diferentes, compartilhando do mesmo ambiente. Neste caso o papel do professor vai muito além de ministrar aulas, pois: “Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, isto é, fortalecer-lhe as bases morais e críticas não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado.” (MÜLLER, 2002, P. 276).

O professor precisa estabelecer boas relações com seus alunos, através do convívio em sala de aula e assim obter resultados positivos, pois o sentimento de confiança e afetividade entre ambos precisa ser recíproco facilitando assim o processo de ensino-aprendizagem. Outro ponto que o professor deve valorizar na sala de aula é o de conhecer seus alunos, identificar seus limites e suas dificuldades, como afirma Costella, que o professor deve antes de mais nada:

Conhecer o aluno para compreender como se efetiva a aprendizagem é de fundamental importância para que o diálogo pedagógico entre alunos e professores seja cada vez mais claro e coerente. Não devemos pensar aqui que conhecer o aluno é entender a totalidade do seu desenvolvimento em toda sua complexidade, ou conhecer as condições do seu entorno com precisão, para que os planejamentos sejam garantidos. Conhecer o aluno é ter condições de se colocar no lugar do mesmo e pensar nas dificuldades que esse enfrenta, para poder entender os diferentes conceitos. (COSTELLA, 2011 p.182)

Podemos perceber que se o professor optar por um relacionamento baseado em confiança e afetividade com seus alunos as aulas deixaram a aparência de monólogo como ainda observamos em alguns casos e passará a ser diálogos com a participação de todos os alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos possibilitou verificarmos as diversas fases de transformações da Geografia, passando de ciências que estuda a Terra a ciências social que tem como objetivo compreender as relações da sociedade, assim como sua introdução no currículo escolar.

Teve como principal objetivo destacar o papel da Geografia como disciplina escolar, sua importância para a formação de cidadãos conscientes e críticos capazes de analisar o ambiente em que estão inseridos, assim a preocupação maior foi apresentarmos as metodologias que podem auxiliar o professor na missão de capacitar os educandos e torná-los cidadãos conscientemente ativos.

Dessa maneira destacamos as varias metodologias de ensino da Geografia abrindo um leque de oportunidades em que percebemos que existem muitas maneiras de ensinar, onde a escolha pela metodologia e o uso de recursos didáticos estão à disposição do professor, mas que este deve saber como utilizá-los de forma que o aprendizado seja significativo, não apenas repassar conteúdos, mas transmitir conhecimentos.

Compreendemos que as aulas são momentos muito ricos de significados e o professor deve saber valorizá-lo, demonstrando sempre muita paixão e entusiasmo, que seja capaz de envolver os alunos e incentivá-los a participar de maneira ativa das aulas, valorizando o conhecimento que os mesmo possuem.

Através das experiências no estágio compreendemos a importância de ser professor, pois acreditamos que o ato de ensinar é sublime, que nós professores, devemos em todos os momentos procurar conhecer mais e mais ao ponto que sejamos insaciáveis em busca de novos saberes, pois a sala de aula é um ambiente desafiador que requer muito conhecimento para lidarmos com diversas situações.

E por fim enfocamos a relação entre o professor e alunos como sendo fundamental no processo de ensino-aprendizagem, em que aulas interativas se dão a partir do momento que o professor conhece a linguagem dos alunos e compreende o ambiente no qual estão inseridos, cabendo ao professor estreitar o relacionamento com seus educandos com o objetivo de obter aulas dinâmicas e menos enfadonhas.

Portanto, acreditamos que os objetivos propostos para este trabalho foram alcançados, nos baseamos em fundamentações teóricas, as contribuições dos educandos e nossas próprias experiências, com o intuito de apresentarmos as metodologias que contribuem para uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

AQUINO JUNIOR, Jose. O aluno, o professor e a escola. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão. MALYSZ, Sandra T. (Org.) **Prática de ensino e pesquisa de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

BUMSTED, 1941. Apud LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. (S.l: s.n) 1944. Traduzido por HarueOharaAvritescher: Título Original: Masteringthetechniquesofteaching. São Paulo: Atlas, 2004.

BRASIL. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <http://www.ibge.br/censo/>. Acesso em: 31.set.2015.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 14^a ed. Campinas: Papirus, 1998.

COSTELLA, RoselaneZordan. As práticas de ensino nas universidades: um espaço de ensaio para a vida profissional. In: TONINI, Ivaine Maria; GOURLART, Lígia Beatriz; (Coord.) et al **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

FINATTI, Rodolfo; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Linguagem geográfica do jogo de xadrez: uma aproximação ao conceito de território e ao processo de ensino-aprendizagem. In: GASPAROTTI, Flaviana. (Org.) **Ensino de Geografia: novos olhares e práticas**. Dourados, MS: UFGD, 2011.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 10^a ed. Campinas: Papirus, 1988.

LEGAN, L. **Criando habitats na escola sustentável: livro de Educador**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Pirenópolis, GO: Ecocentro IPEC, 2009.

LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. (S.l: s.n) 1944. Traduzido por HarueOharaAvritescher: Título Original: Masteringthetechniquesofteaching. São Paulo: Atlas, 2004.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MONBEIG, Pierre. **Papel e valor da Geografia e de sua pesquisa**. 1956. IBGE Conselho Regional de Geografia. Disponível em: http://www.disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/54922/mod_resource/content/1/pierre%20monbeig.pdf. Acesso em 08 agos. 2015.

MÜLLER, Luiza de Souza. **A interação professor-aluno no processo educativo**. 2002. Disponível em: <http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf. Acesso em: 17 out. 2015.

OLIVEIRA, Lívia de. O ensino/aprendizagem de Geografia nos diferentes níveis de ensino. In: PONTUSCHKA, NídiaNacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Desenhos e escutas. In: GASPAROTTI, Flaviana. (Org.) **Ensino de Geografia: novos olhares e práticas**. Dourados, MS: UFGD, 2011.

PASSINI, Romão. MALYSZ, Sandra T. (Org.) **Prática de ensino e pesquisa de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágios e Docência** – Coleção docência em formação. Séries saberes pedagógicos. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Projeto Político Pedagógico, Colégio Estadual Rui Barbosa, 2015.

SANTOS, Jonatas Rodrigues dos; NUNES, Flaviana Gasparotti. O aluno surdo na aula de Geografia alguns elementos para a reflexão sobre a inclusão. In: GASPAROTTI, Flaviana. (Org.) **Ensino de Geografia: novos olhares e práticas**. Dourados, MS: UFGD, 2011.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de Geografia e algumas crônicas**. 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.

TARDIF, Maurice, **Saberes docentes e formação profissional**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VASQUEZ, A. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VLACH 1900. Apud CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 14ª ed. Campinas: Papirus, 1998.

VESENTINI, José William. A questão do livro didático no ensino da Geografia. In: VESENTINI, José William. **Geografia e ensino: Textos críticos**. 4ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes de. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão. MALYSZ, Sandra T. (Org.) **Prática de ensino e pesquisa de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

APÊNDICE

Apêndice – Roteiro da entrevista realizada com os educandos.

Quais são ou foram as metodologias utilizadas pelos professores de geografia para facilitar no ensino?